

## PERFORMATIVIDADES COLONIAIS: OS PROCESSOS DE INQUISIÇÃO NO BRASIL<sup>1</sup>

Luan Nagib Marques Peres<sup>2</sup>, Ivan Delmanto Franklin de Matos<sup>3</sup>.

1 Vinculado ao projeto “A formação negativa: dialética e história do teatro brasileiro no século XX”

2 Acadêmico do Curso de Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

3 Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – ivandelmanto@gmail.com

Este resumo trata das atividades realizadas pelos integrantes do projeto de pesquisa *A formação negativa: dialética e história do teatro no século XX*. Nosso objetivo inicial estava situado na realização de uma pesquisa teórica e prática onde nossos temas de estudo estariam centrados na presença da inquisição portuguesa no Brasil entre os séculos XVI e XVIII e na investigação de manifestações performativas dentro deste contexto. Iniciamos as atividades em agosto de 2021 que, em decorrência do isolamento social por conta da COVID-19, aconteceram de forma assíncrona. Em salas virtuais, nos debruçamos sobre materiais que tratavam do tema, definindo certa metodologia para realização destes encontros, onde a cada semana deveríamos levar três citações do texto que havia sido selecionado para leitura, e, em seguida, debater através do que cada um selecionara como mais importante. Ronaldo Vainfas (1997), Silvia Federici (2017) e William Shakespeare (2016) foram nossas primeiras leituras.

A leitura de Vainfas abriu nossos horizontes a respeito do período colonial brasileiro. Encontramos em seu *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil* análises da configuração da sociedade neste período junto a histórias cotidianas vividas por personagens de diferentes contextos sociais. A partir desta leitura já nos foram sugeridos uma série de acontecimentos com os quais poderíamos trabalhar a partir da ótica das performatividades. Seguimos com a leitura de Federici, que no livro *Calibã e a bruxa - mulheres, corpo e acumulação primitiva* apresenta uma análise da inquisição europeia, responsável pelo extermínio de centenas de milhares de mulheres “bruxas”, estabelecendo relações com o texto *A tempestade*, de Shakespeare, que viria ser nossa terceira leitura e material responsável por nossa entrada no trabalho prático. Sycorax, a bruxa de Shakespeare, é personagem citada na obra mas ausente enquanto presença cênica. Esta questão que já é levantada no trabalho de Federici nos levou a pensar de que forma trabalharíamos a partir do texto *A tempestade* como alegoria da colonização, da inquisição.

A pesquisa que estamos desenvolvendo está marcada pela ideia de Formação (Delmanto, 2016), onde investigamos as contradições da importação de formas artísticas estrangeiras para o contexto histórico nacional. A incorporação destes modelos nas obras realizadas no Brasil acaba por formar trabalhos híbridos, “arruinados”. É desta perspectiva que partimos para investigar a montagem de um trabalho relacionado a Inquisição no Brasil que parte também de um modelo paradigmático da história clássica do teatro, o texto de William Shakespeare *A tempestade*.

Outro ponto significativo para nossas investigações práticas e teóricas é a noção de performatividade. Conceito este que nos permite investigar rituais coletivos e manifestações cênicas que vão além do teatro. Trata-se da performatividade (Richard Schechner) como possibilidade de investigação não só sobre as possibilidades de se pensar em um acontecimento cênico, mas também como auxílio na leitura e no estudo de diversos acontecimentos coletivos em diferentes tempos históricos.

Desde o princípio estabelecemos que nossa pesquisa aconteceria de forma colaborativa. E foi a partir disto e das leituras anteriormente citadas que iniciamos os trabalhos físicos. Nossos encontros práticos passaram a acontecer através do procedimento que foi denominado “inquirição”, onde semanalmente um dos integrantes do grupo ficaria responsável por compor uma cena a ser inquirida. Inquirir é questionar, insistir. Deste modo aquilo que acontecia era constantemente modificado, gerando uma série de versões para uma só proposta. Junto a isso, nosso treinamento físico aconteceu a partir de práticas de exaustão, onde, através de exercícios cujo objetivo era nos exaurir, experimentamos um estado “alterado” na hora da criação das cenas. A partir destes experimentos, fomos refletindo acerca das imagens formadas por nós e as centralizamos em um roteiro que serviria como guia do compartilhamento do experimento.

Tanto no âmbito prático quanto no teórico, nossas pesquisas seguem em andamento. Nosso processo colaborativo nos orienta rumo a criação de um experimento cênico a ser experimentado coletivamente, onde atores e espectadores se fundem em uma compreensão mais ampla da história de todos e de cada um.

**Palavras-chave:** Performatividades. Inquirição. Processo colaborativo.